

VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS LGBTQIAPN+ NAS REDES SOCIAIS¹

VIOLENCE AGAINST LGBTQIAPN+ PEOPLE ON SOCIAL MEDIA

VIOLENCIA CONTRA LAS PERSONAS LGBTQIAPN+ EN LAS REDES SOCIALES

Luiz Henrique Medeiros Carvalho²

Uma busca sistemática no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES resultou em apenas dois trabalhos que abordam diretamente o tema central deste estudo, "violência contra pessoas LGBTQIAPN+ nas redes sociais", indicando uma carência de produções acadêmicas sobre o assunto. A análise visa compreender como o discurso de ódio, os ataques simbólicos e a discriminação digital são construídos e legitimados em plataformas online, bem como identificar os mecanismos socioculturais e discursivos que sustentam tal violência. A justificativa reside na crescente importância das redes digitais como espaços de socialização, trabalho e expressão pública. Contudo, pessoas LGBTQIAPN+ continuam injustamente expostas a práticas de assédio, invisibilidade e hostilidade. Investigar esses fenômenos não só contribui para o avanço teórico sobre violência digital e direitos humanos, como também apoia o desenvolvimento de políticas de prevenção, aceitação e proteção em ambientes virtuais.

As obras analisadas, a dissertação de mestrado de Tálison Felipe Ferreira de Sena (2023), intitulada O Discurso do Cidadão de Bem: Uma Análise Crítica das Manifestações Racistas e LGBTfóbicas no Instagram do @noticiasnoface, e a tese de doutorado de Adriano da Silva (2021), Violência LGBTfóbica na comunicação digital: representações do jornalismo, redes sociais online e perspectivas inclusivas, oferecem análises aprofundadas e complementares sobre a disseminação da

¹Resumo apresentado ao GT Redes Sociais e os desafios da desinformação e *hate speech*: na 4ª Semana de Direitos Humanos da Universidade Federal de Rondônia: Os desafios para os direitos humanos na era digital

² Professor substituto no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) campus São João Evangelista e analista de crédito rural na GR Soluções Agropecuárias. Mestrando em Estudos Rurais pela UFVJM campus JK (Diamantina), graduado em Administração (IFMG) campus São João Evangelista e em formação em Ciências Contábeis (UNIFRAN) campus São João Evangelista e Fisioterapia (UNIUBE) campus Guanhães. Possuo especializações em Psicologia Organizacional, Finanças aplicadas à Gestão de Recursos Humanos, MBA em Gestão de Pessoas e Educação Profissional e Tecnológica. E-mail: luiz.medeiros@ufvjm.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0268262277830878>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3755-3619>.

violência e do ódio no ambiente digital brasileiro, com foco nos discursos de racismo e LGBTfobia.

A dissertação de Sena (2023) utiliza a Análise Crítica do Discurso (ACD) para examinar como o perfil do Instagram de notícias policiais e de entretenimento @noticiasnoface e seus seguidores promovem discursos de ódio. O trabalho adota explicitamente uma postura parcial em defesa das vítimas. O principal objetivo deste trabalho é expor as dinâmicas de poder abusivas que perpetuam a desigualdade, analisando declarações racistas e LGBTfóbicas em publicações e comentários de abril de 2020. Sena (2023) argumenta que o racismo e a LGBTfobia são elementos estruturais que sustentam a prática discursiva do perfil.

O estudo constatou que a conta @noticiasnoface promove e reforça estereótipos sociais sobre pessoas racializadas e LGBTQIAPN+, incitando ódio e violência sob o pretexto de liberdade de expressão. O conceito de "bom cidadão" é construído sobre elementos que moldam o discurso do perfil. O perfil ideológico de um "bom cidadão" é caracterizado como autoritário, intolerante, egoísta e agressivo, agindo contra os direitos humanos. Essa pessoa é frequentemente associada a um indivíduo branco, cristão, heterossexual, pai, defensor da família e de classe média que apoia o punitivismo, a violência policial e o encarceramento de "vagabundos" ou "bandidos" (frequentemente jovens negros e marginalizados).

O discurso racista vai além dos casos criminais, incluindo estereótipos de povos indígenas, bem como atitudes xenófobas/ideológicas em relação a cubanos, chineses e venezuelanos, associando-os ao comunismo e criando uma mentalidade de "nós contra eles". A LGBTfobia se manifesta como homofobia (por exemplo, associando estudantes homossexuais a drogas e criminalidade) e transfobia (por exemplo, zombando do corpo de Pepita, questionando sua identidade e negando o casamento transgênero). Essas manifestações visam regular corpos que se desviam das normas heterossexuais e cisgênero, usando termos depreciativos e zombando de sua existência.

A tese de Silva (2021) sobre violência e saúde pública utiliza o termo amplo "LGBTfobia" para se referir à violência contra lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais. O estudo está estruturado em três artigos que investigam a LGBTfobia no jornalismo digital, nas redes sociais online e nos espaços de resistência religiosa.

A autora buscou compreender como a homofobia é representada nos jornais digitais do Rio de Janeiro (2015-2016). O monitoramento mostra um aumento na

cobertura, mas também a persistência de discursos segregados e heteronormativos. De acordo com o estudo, quanto maior a diversidade de gênero e sexual no corpo da vítima (por exemplo, pessoas transgênero), maior a probabilidade de violência. Silva (2021) utiliza a etnografia virtual em comunidades do Facebook como "Brasil sem ideologia de Gênero" e "Não à Ditadura Gay" para investigar como o discurso LGBTfóbico é perpetuado. O discurso se concentra no combate à "ideologia de gênero" e na defesa da "família tradicional", usando memes, humor sarcástico e distorções científicas para deslegitimar o movimento LGBTQIAPN+.

Em contraste com a violência, o terceiro artigo examina o papel da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICMRJ) como um espaço de aceitação e resistência. A ICMRJ oferece uma teologia inclusiva que reinterpreta textos bíblicos para desafiar a noção de que pessoas LGBTQIAPN+ são "pecadoras abomináveis". Esse espaço comunitário se concentra em "curar o abuso bíblico" e oferece uma perspectiva mais libertária sobre a fé, o que é crucial para a saúde mental e social de indivíduos que vivenciam a LGBTfobia em outros aspectos da vida.

Ambas as obras mostram que o ambiente da internet, seja por meio de mídias populistas locais ou redes maiores como jornais digitais e o Facebook, serve como um espaço seguro para a disseminação de discursos violentos justificados pela retórica da liberdade de expressão. Em ambos os casos, o ódio é naturalizado, dissociado de opinião ou humor, e operado por sujeitos sociais que afirmam autoridade moral, reforçando hierarquias que buscam silenciar e subjugar dissidentes.

Apesar de sua convergência, cada trabalho emprega abordagens e estratégias analíticas únicas para compreender a lógica por trás desses ataques. A análise de Sena (2023) concentra-se em um único perfil de mídia populista regional, focando no "bom cidadão" como um agente discursivo que combina racismo, xenofobia e LGBTfobia para criar inimigos internos e justificar práticas punitivas. Silva (2021) adota uma abordagem mais ampla, comparando vários espaços digitais e incorporando perspectivas de saúde pública. Ele reconhece que a violência contra LGBTQIAPN+ é influenciada por múltiplos marcadores, como raça e religião, e se manifesta em diversas arenas discursivas. Silva (2021) busca mapear as dinâmicas socioculturais mais amplas da violência, enquanto Sena (2023) se concentra em uma crítica ideológica específica.

Outro ponto significativo de divergência é o status que cada autor atribui a grupos raciais e de gênero. Sena (2023) argumenta que o racismo, particularmente contra povos indígenas, venezuelanos, chineses e cubanos, é um componente-chave no

discurso do "bom cidadão". Silva (2021) concentra-se na LGBTQIAPN+fobia e vê a racialização como uma variável interseccional que exacerba a marginalização e a vulnerabilidade em certas populações. Silva (2021) utiliza métodos etnográficos para entender como as comunidades online e as instituições religiosas produzem, debatem e transformam sentimentos sobre os corpos, enquanto Sena (2023) prioriza a Análise Crítica do Discurso como uma ferramenta para o engano ideológico.

Por fim, as obras diferem em sua ênfase nas práticas de resistência. Sena (2023) oferece uma reflexão crítica e diagnóstica, enfatizando a necessidade de responsabilização social e legal diante do discurso depreciativo. Já Silva (2021) enfatiza o papel das igrejas inclusivas como espaços de acolhimento e reinvenção teológica para indivíduos LGBTQIAPN+. Essa distinção separa dois caminhos complementares: um focado na denúncia de estruturas opressivas e na revelação do poder discursivo, e outro que enfatiza a capacidade de indivíduos e comunidades de resistir, reconstruir significados e criar espaços afirmativos dentro e fora do ambiente digital.

As duas obras demonstram que o espaço digital, em vez de ser uma "terra sem lei", reflete e amplifica a violência estrutural da sociedade que existe offline. O discurso do bom cidadão (SENA, 2023) e a história da luta contra a ideologia de gênero (SILVA, 2021) servem como pilares ideológicos para unir grupos conservadores em torno do ódio. A LGBTfobia não se limita a atos explícitos de agressão, mas também envolve violência simbólica, como ridicularização, estereotipagem e distorção da realidade para negar a existência de pessoas racializadas e LGBTQIAPN+.

Silva (2021) contextualiza a LGBTQIAPN+fobia no campo da saúde, demonstrando como a religião fundamentalista é usada para justificar a violência, enquanto Sena (2023) utiliza a Análise do Discurso Digital (ACD) para dismantlar a estrutura ideológica e punitiva do "bom cidadão" no contexto da mídia político-populista. A interseção dessas perspectivas enfatiza a necessidade de compreender e combater o ódio digital em sua complexa interseção de raça, classe e sexualidade. Em essência, as obras revelam que o discurso do bom/velho cidadão opera como um mecanismo de controle social, definindo quais corpos são importantes (o homem negro heterossexual) e quais são vítimas de violência e exclusão social.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+; Mídia social; LGBTfobia; Racismo.

Referências

SENA, TALISON FELIPE FERREIRA DE. **O discurso do cidadão de bem:** uma análise crítica das manifestações racistas e lgbtfóbicas no Instagram do @noticiasnoface. 2023, 110 f. Mestrado (Estudos Da Mídia) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, 2023.

SILVA, ADRIANO DA. **Violência LGBTIfóbica na comunicação digital:** representações do jornalismo, redes sociais online e perspectivas inclusivas. 2021, 154 f. Doutorado (Saúde Pública) - Fundacao Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, 2021.